

**PROVA ORAL – LEITURA EXPRESSIVA**

**3º ciclo**

**Excerto 3**

**Lídia Jorge**

**A INSTRUMENTALINA**

**Conto**

**PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE**

**2.ª Edição**

**Pág. 36**

«Chiu!» - fez ele.

Mas era difícil o filho mais novo do avô desembaraçar-se de mim. Encontrava-me em camisa de dormir e descalça, e ele não queria deixar-me vestir, para não acordar ninguém, nem queria levar-me consigo para poder partir em paz. O tempo era o tempo, e alguém o esperava afastado da casa, num carro cor de grão.

«E agora? Que faço eu a isto?» - perguntava o meu tio, referindo-se a mim, quando ambos chegámos junto de um homem que eu nunca tinha visto.

«Põe-na aí atrás.»

«E depois?»

«Depois, eu trago-a de volta.»

Era de facto madrugada. O comboio apareceu com seu olho grande, fazendo estremecer a linha e a estação. O tio levava uma pequena mala e deu um abraço demorado ao seu amigo. Depois elevou-me nos seus braços de rapaz e apertou-me de encontro ao peito, durante um instante. Passou a mão pelos seus pés descalços. «Volto logo, miúda. Vou e volto. Logo, logo.»

Mas seria mentira, absoluta mentira o que o meu tio dizia.

O antigo dono da Instrumentalina tinha subido os três degraus do comboio, havia entrado, e depois, acenando, acenando sempre, desaparecera no perfil da carruagem. Assim desaparecera. Durante anos, vários anos, havia quem dissesse que o tinha visto em Caracas, Buenos Aires, Sydney, o fim do Mundo.